

Análise da trajetória do herói na obra *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha¹

letrônica

Katiane Crescente Lourenço²

1 Considerações iniciais

O presente artigo tem como objetivo analisar a trajetória do herói na obra *O Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha. Porém, é importante ressaltar que a personagem principal não se enquadra propriamente na idéia que temos de herói, ou seja, aquele arquétipo heróico, como o do Guerreiro, que empreende uma longa jornada e derrota o inimigo ou salva uma donzela; e sim a de um herói “às avessas”, devido às atitudes que demonstra ao longo da narrativa. Portanto, a questão que norteará esse artigo é a seguinte: “O reizinho mandão pode ser considerado um herói?”. Com base na pesquisa bibliográfica, tentar-se-á responder a essa questão, traçando, da melhor forma, a trajetória desse “herói”.

2 Conhecendo a autora

Ruth Machado Lousada Rocha nasceu em 1931, na cidade de São Paulo. Teve uma infância alegre e repleta de livros e gibis. Bacharelou-se em Ciências Políticas e Sociais, em 1952; obteve licenciatura em Ciências Sociais, em 1969 e pós-graduação em Orientação Educacional, em 1970, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹ Ensaio de conclusão da disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, 1º semestre de 2008, Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, a cargo da Profª Dr. Vera Teixeira de Aguiar.

² Graduada em Letras – Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestranda em Letras, Área de Concentração: Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista CAPES no Projeto de Pesquisa: Oficinas de Leitura no CLIC: formação de educadores para formar leitores. E-mail: kcrescente@yahoo.com.br

Desde os anos 50, vem exercendo as mais diversas atividades nas áreas da educação, literatura e setor editorial, como orientadora educacional, redatora e produtora de revistas infantis. Já teve mais de 130 títulos publicados, entre livros de ficção, didáticos, paradidáticos e um dicionário. As histórias de Ruth Rocha estão espalhadas pelo mundo, traduzidas em mais de 25 idiomas. Seu livro mais conhecido é *Marcelo, Marmelo, Martelo*, que já vendeu mais de um milhão de cópias.

Monteiro Lobato foi sua grande influência. Em sua obra, isso se manifesta em seu interesse pelos problemas sociais e políticos, na sua tendência ao humor e nas suas posições feministas, por meio de uma linguagem *dialogante*, coloquial, fluente e viva. Ruth Rocha está entre os escritores que encontraram novas propostas e caminhos para a renovação da literatura para crianças e se empenharam numa produção que hoje é conhecida como responsável pelo *boom* da literatura infantil brasileira dos anos de 1970 e 1980. (COELHO, 2006, p. 752)

Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da Câmara Brasileira do Livro, Prêmios “Jabutí”, entre outros. É membro da Academia Paulista de Letras desde 25 de outubro de 2007.

3 Situando a obra

O Reizinho Mandão foi publicado no ano de 1978, pela Editora Pioneira. A obra reflete o momento político vivido pelo Brasil, pois foi lançada um pouco antes da extinção do AI-5 (Ato Institucional nº5), que dava força total à censura e às perseguições políticas totalmente arbitrárias. (COELHO, 2006, p. 755)

Percebe-se, na leitura de *O Reizinho Mandão*, a crítica aos governos militares brasileiros, já que a primeira edição da obra é de 1978 (final do período militar). A autora utilizou-se da sátira ou da paródia para apresentar o seu personagem principal.

Ruth Rocha vale-se de uma alegoria para representar o Brasil dos anos 70, dominado por um regime autoritário que calava a oposição e que buscava encontrar meios de expressão para furar o bloqueio da censura e da repressão. (ZILBEMAN, 2005, p. 61)

Tendo por base essa afirmação, pode-se considerar que, mesmo que a obra retrate um momento em que o Brasil estava enfrentando, ela não ficou datada, considerando que nos dias de hoje, ainda tem muito a nos dizer, pois os “reizinhos mandões” estão por aí, independentemente

da época, representando inúmeros personagens da cena pública que mandaram e desmandaram a seu bel-prazer. Portanto, precisamos ser críticos, como a menina da história, e não nos calar para a prepotência.

A obra *O Reizinho Mandão* já recebeu inúmeros prêmios, como nos apresenta Nelly Novaes Coelho, em seu *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*:

Considerado “Altamente Recomendável para Crianças” pela FNLIJ, em 1978; selecionado para a Exposição “O Livro de Estórias e as Crianças”, em Atenas, 1979; selecionado para representar o Brasil como candidato ao Prêmio Janusz Korczak, Seção Polonesa do IBBY; e selecionado para a Lista de Honra do Prêmio Hans Christian Andersen de 1978. (COELHO, 2006, p. 756)

4 Resumo da obra

A obra inicia com um narrador se apresentando para contar uma história que seu avô contava, que era a história de um reizinho mandão, o qual assume o trono depois da morte de seu pai. O *reizinho mandão*, como seu nome mesmo diz, mandava em todas as pessoas do reino, inclusive em seus conselheiros, ele gritava para todos calarem a boca, bem como criava leis absurdas. Ele tinha apenas um amigo, um papagaio, que o imitava, dizendo “Cala a boca!”.

Quando esse reizinho percebe que ninguém mais falava em seu reino, decide procurar ajuda. Ele parte para um reino vizinho e pede conselho a um velho sábio, que, depois de xingá-lo pelas suas atitudes – xingamento esse que o reizinho escuta sem interromper –, orienta-o a procurar em seu reino uma criança que ainda saiba falar, e ele precisa ouvir o que ela tem a dizer. Quando isso acontecer tudo se resolverá e as pessoas voltarão a falar. Assim, o reizinho volta para o seu reino, um pouco desanimado, pois queria saber o que a menina iria lhe dizer, mas isso o sábio não revela.

Quando o reizinho chega em seu reino, ele começa a bater de porta em porta, até que encontra uma menina que o manda calar a boca, e, a partir desse momento, como num passe de mágicas, todo o reino começa a falar. O reizinho não agüenta o barulho que seu povo faz e vai embora. O final fica em aberto, pois o narrador não sabe contar o fim dessa história, como nem seu avô sabia, mas, apresenta algumas hipóteses do que pode ter acontecido ao reizinho para o leitor. A história termina com um conselho às crianças.

5 Analisando a trajetória do herói

Antes de iniciar a narrativa, há um ritual de abordagem, com versos em estilo cordel: “[...] Quando prego for martelo,/ Quando cobra usar chinelo,/ Cantador vai se calar...”, apresentado por um narrador/cantador que faz alusão à liberdade de cantar, ou seja, seu direito à voz. (OLIVEIRA, 2003, p.60)

O Reizinho Mandão não é, pois, contado, e sim cantado, e esta escolha é importante, porque, na abertura, o narrador chama a atenção para as condições – todas impossíveis, como nas vezes em que o “atrás for na frente”, “o prego for martelo” ou “cobra usar chinelo” – que podem fazer um cantador “se calar”. O que está em jogo, pois, é a hipótese de uma pessoa dar livre curso não apenas a seus pensamentos, mas também à possibilidade de exteriorizá-los verbalmente. (ZILBERMAN, 2005, p. 61)

Partindo dessas abordagens, feitas pelas autoras citadas, percebe-se que Ruth Rocha opta por apresentar uma história em que já há uma liberdade de expressão em seu início, pois se utiliza do cordel, inovando na abertura de sua narrativa.

No início da narrativa, o narrador estabelece de imediato uma intimidade com o leitor, pois passa a contar, em tom familiar, a história do *reizinho mandão*, história que seu avô sempre contava: “Eu vou contar pra vocês uma história/ que o meu avô sempre contava.”, por meio dessa proximidade com o leitor, o narrador recupera a tradição oral, pois fará uma contação de história, lembrando que essa também foi contada a ele, portanto não é o autor da mesma. Ruth Rocha usa desta estratégia para não assumir a autoria da história, está recontando-a, bem como Perrault e os Irmãos Grimm faziam com os seus contos populares.

A situação inicial da narrativa acontece quando o rei daquele lugar morre, um rei que era muito bom para o seu povo, deixando para o seu filho, o príncipe, o trono. O príncipe é apresentado pelo narrador como um sujeito mal-educado e mimado, mas que virou o rei daquele país, que é *O Reizinho Mandão*, o qual não tem um nome específico, bem como os demais personagens dessa história. Segundo Khéde (1986) “o nome próprio sempre indica a identidade pessoal do personagem”, portanto o fato de o reizinho não ter um nome, nos remete à idéia de que pode ser qualquer pessoa que está no poder. A palavra *reizinho*, no diminutivo, tem um caráter afetivo, mas *mandão*, no aumentativo, é apresentado como pejorativo, por isso há uma relação contraditória na apresentação do nome dessa personagem, assim como também será a trajetória desse “herói”.

O narrador apresenta as características deste novo rei, que é mandão até no nome, afirmando que tem muitos amigos parecidos com ele, trazendo exemplos do seu cotidiano e, dessa forma, fazendo um diálogo com o leitor, ou seja, instigando-o a repudiar os indivíduos **Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p. 236, dez. 2008.

autoritários, bem como os governos autoritários. Como estratégia, o narrador procura tornar-se criança, a fim de poder contar com a cumplicidade do leitor. É importante destacar a presença constante dos diálogos do narrador ao longo da história, fazendo com que não nos esqueçamos de que esta está sendo contada, remetendo-nos à oralidade.

Para conhecermos a trajetória deste herói, é importante ressaltar que em vários momentos da narrativa o *reizinho mandão* se enquadrará na definição de anti-herói, devido às atitudes que toma ao longo da mesma. O *reizinho mandão*, como já foi dito, era muito mal-educado, não escutava ninguém, achava que sabia tudo e também criava leis absurdas, como por exemplo: “Fica terminantemente proibido cortar a unha do dedão do pé direito em noite de lua cheia!”, ou seja, queria mandar em tudo e em todos. Era egocêntrico.

Para entendermos o porquê de se considerar o *reizinho mandão* um anti-herói, é necessário que se faça uma definição desse termo, para que se possa prosseguir na trajetória dessa personagem.

Ter-se-á como base o livro *Dicionário de Termos Literários (1982)*, de Massaud Moisés, o qual define *anti-herói* como o personagem principal que tem características opostas às do herói, “seu aparecimento resultou da progressiva desmitificação do herói, ou seja, de sua crescente humanização.”

O anti-herói não se define como a personagem que carrega defeitos ou taras, ou comete delitos e crimes, mas a que possui debilidade ou indiferenciação de caráter, a ponto de assemelhar-se a toda a gente. (MOISÉS, 1982, p.29)

Por meio dessa definição entende-se que o *reizinho mandão* apresenta-se na narrativa com as características de um anti-herói.

Seguindo a trajetória, o *reizinho mandão* queria mandar em tudo e em todos, por exemplo, mandava seus conselheiros calarem a boca, quando, na verdade, eles só queriam ajudá-lo, mas não adiantava, pois ele não aceitava a opinião de ninguém. Tinha um único amigo que era um papagaio que o imitava e que também aprendeu a gritar como o reizinho: “Cala a boca!”. É importante ressaltar que o papagaio é considerado a ave nacional, por esse motivo foi feita a sua escolha como animal de estimação, pois a autora, de alguma forma, quis retratar o nosso país; outra questão é o fato de o papagaio ser um animal que repete tudo o que lhe ensinam, que era o que o reizinho esperava de seu povo, ou seja, que aceitassem os seus desmandos, fazendo o que ele mandava; o papagaio, portanto, representa um dos símbolos dessa história.

O conflito da narrativa ocorre quando as pessoas começaram a se calar, porque estavam com medo do reizinho. Sempre que tentavam falar, mandavam-nas calar a boca, até que ninguém mais falou. O reizinho no início até gostou, só ele falava, porém o papagaio começou a mandá-lo calar a boca, pois não tinha mais em quem mandar. O reizinho nem ligava, mas, segundo Ieda de Oliveira (2003), o papagaio é o primeiro a desafiar a autoridade do rei, pois o manda calar a boca.

Então o reizinho começou a enjoar de falar sozinho. Na verdade, ele queria conversar com as pessoas, como essas não conversavam com ele, decidiu gritar; como também não adiantou, resolveu xingar e até quis prendê-las. Só que ele não sabia que as pessoas haviam desaprendido a falar, inclusive os seus conselheiros. Percebe-se, então, que até esse momento da narrativa, o *reizinho mandão* pode ser considerado um anti-herói, porém, a partir do conflito narrado, ocorre uma mudança de atitude, em que ele tomará consciência do que fez.

Partindo desse impasse, o *reizinho mandão* irá mudar e apresentará características do arquétipo *Órfão*, definido na obra: *O herói interior: seis arquétipos que orientam a nossa vida – inocente, órfão, mago, nômade, mártir, guerreiro* (1992), de Carol Pearson, pois ele não queria enxergar o que havia feito, sendo essa uma das características descritas por Pearson:

Uma das defesas do Órfão consiste em tentar apegar-se à inocência, ou seja, mostrar-se narcisista e cego em relação ao sofrimento das outras pessoas, além de negar a sua própria dor. (PEARSON, 1992, p. 58)

Quando o reizinho percebe o que havia feito: “E o reizinho foi percebendo, devagar,/ o que ele tinha feito com seu povo./ Aí, deu nele uma coisa no coração,/ uma tristeza, uma dor na consciência...”, sente-se culpado, ocorrendo com ele o que Pearson define como o mito da Queda, pois há uma desilusão, e o reizinho compreende que ele é o culpado pelo que está acontecendo com o seu povo e enxerga que é impotente e incapaz de resolver a situação sozinho, ou seja, precisa de ajuda.

Mesmo se apresentando como um anti-herói por suas atitudes, o *reizinho mandão* decide “consertar o estrago” que tinha feito, mostrando-se arrependido, e a partir desse momento ele muda, pois quer fazer algo para ajudar as pessoas. Portanto, percebe-se que ele pode ser considerado um herói, porque irá em busca da resolução desse conflito e assim ajudará o seu povo.

O reizinho é caracterizado pelo arquétipo do *Órfão*, por ter sido sempre egocêntrico em seus atos, como se percebeu ao longo de sua trajetória, até que decidiu mudar, pois justamente se sentiu incapaz e “órfão”.

O *reizinho mandão* decide ir visitar o reino vizinho, pois ouviu falar que lá havia um sábio, com o qual pretendia conversar para pedir ajuda. Então ele saiu de seu reino, pois só assim poderia resolver o seu impasse; como não queria ir sozinho, levou o papagaio, que era o seu único amigo. Segundo Pearson (1992), um grande passo para o *Órfão* consiste em abandonar a negação e a preocupação consigo mesmo e aprender a ajudar os outros, que é o que o *reizinho mandão* está tentando fazer quando busca a ajuda do sábio.

Eles atravessam o reino até a fronteira num silêncio “de apertar o coração” e, quando chegam no reino vizinho, percebem que as pessoas estão cantando e dançando, que são todos alegres e logo se aproximam para falar com o reizinho, que, por sua vez, conversou direitinho sem brigar e nem mandar ninguém calar a boca, como fazia.

Quando se encontrou com o sábio – que foi bem incisivo com ele –, o reizinho ouviu tudo com atenção, pois realmente estava mudado. Depois ele até pediu desculpas por estar incomodando o velho sábio, que o xingou por todas as bobagens que ele havia feito com o seu povo, e o reizinho ficou bem quieto.

Percebe-se que o reizinho busca a ajuda do sábio porque acredita que ele sabe mais, sendo esta mais uma das características apresentadas pelo arquétipo do *Órfão*:

Existe o momento para se reconhecer que outra pessoa sabe mais, ou é um líder melhor, e segui-la. Existe o momento para retirar-se da ação e assegurar os valores próprios. Existe o momento para o engajamento político e o momento para concentrar-se naquilo que se pode criar exatamente onde se está. (PEARSON, 1992, p. 49)

Então o sábio aconselhou o reizinho. Este se dizia arrependido de tudo o que tinha feito e realmente queria que seu povo voltasse a falar e, para isso, queria saber o que deveria fazer. O sábio apenas lhe disse que ele deveria procurar uma criança que ainda soubesse falar e prestar atenção no que ela iria lhe dizer, e, a partir desse momento, seu reino ficaria livre de novo. Porém, o reizinho não se contentou, ele queria saber o que a criança iria lhe dizer; o sábio, no entanto, revelou que isso ele não sabia. Comprova-se com essa afirmação o que Pearson (1992) afirma sobre o arquétipo do *Órfão*: que este, no momento em que busca ajuda, quer que a pessoa resolva tudo para ele, que é exatamente o que o reizinho mandão esperava do sábio, só que este não lhe dá todas as respostas, mas sim o ajuda a encontrar o caminho.

Ruth Rocha apresenta uma desmitificação do arquétipo do “velho sábio”, quando esse diz: “Ah, isso eu não sei”, pois entende-se que por ele ser sábio deveria saber de tudo, que é também o que o reizinho espera. Essa desmitificação do “velho sábio” é comprovada por Pearson quando caracteriza o arquétipo do *Órfão*:

Os Órfãos só podem enfrentar o sofrimento em proporção à sua esperança. A primeira vez que encontram alguém que promete a salvação, eles podem sofrer um pouco, mas têm de agarrar-se a esse sofrimento, devido à idéia inevitável de que a salvação tem seu preço. E também ficarão inevitavelmente desiludidos com os salvadores, porque eles não são perfeitos, não têm todas as respostas e não podem proporcionar segurança aos Órfãos. (PEARSON, 1992, p. 66)

Assim, o reizinho saiu desanimado, pois esperava uma solução para o seu impasse. Porém decide procurar a criança, pois esta é a sua única esperança. Quando o reizinho está de volta ao seu reino, bate de porta em porta, mas as pessoas ainda tinham muito medo dele.

O narrador situa o leitor para a proximidade do desfecho da narrativa quando utiliza a expressão: “Até que um dia...”, que é o momento em que o reizinho está batendo de porta em porta e desconfia de uma casa, bate na porta e acaba empurrando para entrar, pois acha que ali tem uma criança.

O reizinho encontra uma menina e começa a falar educadamente com ela, mas, como ela não responde, ele começa a gritar, pois queria que ela falasse. Segundo Ieda de Oliveira (2003), essa passagem da narrativa nos faz lembrar a imagem do lobo na história de Chapeuzinho Vermelho, já que o reizinho também chega de mansinho e tenta assediá-la, como o lobo faz. Porém o reizinho fracassa, pois, no momento em que grita e se descontrola, o papagaio escuta a antiga voz do reizinho e grita: “Cala a boca!”, para ele. Ouvindo o grito do papagaio, a menina também grita: “Cala a boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu!”. Esse grito da menina de alguma forma demonstra que ela quer que todos ouçam e que ninguém controle a sua fala. Após o grito, ocorre uma “explosão de liberdade”, o que modifica a situação do reino, pois todas as pessoas começam a falar novamente: “No mesmo instante ouviu-se um estalo,/ como se fosse um trovão”.

Partindo do grito da menina, Ieda de Oliveira analisa que esse:

Cala a boca já morreu” é uma “malcriação” muito comum na fala infantil, que no texto recupera a carga de rebeldia e imposição do direito à voz. É a voz feminina e a infantil, oprimidas ambas por uma sociedade patriarcal que nega espaço às duas. Criança não se mete em conversa de adultos. A mulher deve obediência a seu marido. E por aí vai. (OLIVEIRA, 2003, p. 82)

Portanto, este “Cala a boca” abre o espaço para a liberdade do povo, o povo pode falar de novo, como se fosse um “abra-cadabra”, termo usado por Ieda de Oliveira. A menina de alguma forma se assemelha à boneca Emília, de Monteiro Lobato, pois enfrenta a autoridade do reizinho, como Emília enfrenta a todos, sem medo.

O reizinho perturbou-se com toda aquela alegria e falação e não agüentou, saiu correndo pela estrada, desistindo de ser rei, ou seja, fugindo. Percebe-se que ele tentou, mas não conseguiu firmar a imagem de herói, desistindo de sua trajetória heróica. Por isso o final fica em aberto, pois o reizinho acaba vencido pela menina, embora não se saiba exatamente o fim que ele teve: “Uns contam que o reizinho ficou com tanta raiva,/ com todo mundo dizendo tudo o que pensava,/ que fugiu pra longe e nunca mais voltou./ Outros dizem que ele desistiu de ser rei/ e que deixou o lugar pro irmão dele/ E há quem diga que quando o encanto de desfez/ o reizinho virou sapo e anda por aí pulando [...]”. Algo interessante é que até este momento da história não sabíamos que o reizinho tinha um irmão.

Partindo deste final, pode-se considerar que o *reizinho mandão* permaneceu no arquétipo de *Órfão*, sendo esse considerado um arquétipo pré-heróico, pois os *Órfãos*, mais do que qualquer outro tipo, precisam de ajuda para atravessar a porta e iniciar sua jornada heróica, como o reizinho, que não conseguiu atravessar essa porta, desistindo de ser rei e fugindo. Pearson destaca que:

As pessoas que se desencorajam no momento de matar os dragões interiorizam o seu ímpeto e matam a si próprias, declarando guerra a sua gordura, a seu egoísmo ou algum outro atributo que não consideram satisfatório, ou adoecem e têm de lutar para ficarem boas. Esquivando-se à busca, experimentamos a não-vida e, conseqüentemente, não oferecemos tanta vida à cultura. (PEARSON, 1992, p. 25)

A personagem segue, em parte, as funções apresentadas por Propp (1984), pois há uma situação inicial, na qual os personagens são apresentados. Após, a personagem tem uma reação, pois quer ajudar o seu povo e parte para a resolução do problema, ou seja, busca a ajuda do sábio. Com o regresso da personagem, essa realiza a sua tarefa, porém, foge, desistindo de sua trajetória.

Ruth Rocha termina a história dando um conselho moral, mas não com caráter pedagogizante e, sim, engraçado: “Por isso, se você é uma princesa, vê lá, hein!/ Não vá beijar nenhum sapo por aí.../ Porque os reizinhos mandões/ podem aparecer em qualquer lugar!”, ou seja, a obra continua atual, pois todos temos que tomar cuidado com o autoritarismo e a prepotência das pessoas.

6 Considerações finais

A obra, *O Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha, retrata o poder sem limites de um reizinho que acaba sendo enfrentado por uma menina. O tema do poder se mostra através de um dos direitos mais preciosos do homem: sua liberdade de falar.

O “herói” é apresentado como um mal-educado e mimado, mas que de alguma forma cresce na narrativa, já que busca uma salvação para o seu povo quando parte para procurar o sábio. O reizinho inicia a narrativa como um anti-herói, pois é egocêntrico, mas evolui na sua trajetória heróica ao buscar ajuda. No entanto, permanece no arquétipo de *Órfão* por fugir ao final da história, interrompendo a sua trajetória heróica.

Pode-se entender, com base nas referências bibliográficas, que não existe uma forma de evitar a busca do herói e que, por tal, o *reizinho mandão* pode ser considerado um herói, mas um herói “às avessas”, como se percebeu através da análise feita.

Para o leitor, esta obra faz pensar sobre a consciência crítica, o sentido de justiça e a capacidade de refletir sobre a questão do autoritarismo e da liberdade de expressão. Entende-se que a autora quis transmitir ao longo dessa narrativa, propostas éticas, de maneira implícita e agradável.

Referências

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, s.d.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

OLIVEIRA, Iêda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PEARSON, Carol. *O herói interior: seis arquétipos que orientam a nossa vida – inocente, órfão, mago, nômade, mártir, guerreiro*. São Paulo: Cultrix, 1992.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Letrônica, Porto Alegre v.1, n.1, p. 242, dez. 2008.